

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redactor Principal
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua D. Marcelino Franco, 14—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario
Dr. JAIME BENTO DA SILVA

ASSINATURAS
Série de 10 Números . \$500—Número avulso \$60
Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

○ MESTRE

O meu primeiro encontro com Antonio Sardinha foi á sua volta de Espanha, do seu homisio. Nas salas desse pequeno terceiro andar do Largo do Directorio onde estava instalada a «Monarquia», uma—tarde um condiscipulo amigo apresentava-me a Antonio Sardinha. Não era um desconhecido para mim o restaurador da doutrina tradicionalista no nosso País. Nas ruas de Coimbra, envergando ambos o trage de estudante, algumas vezes nos encontramos, mas António Sardinha já era alguém naquela colmeia de intelectualidades que era a cidade universitária desse tempo.

Os anos tinham decorrido. E novamente, o desconhecido de Coimbra e o poeta e doutrinador já consagrado, se encontravam do mesmo lado da barricada. Um e outro tinham seguido evolução semelhante, com a diferença de que os estudos do segundo tinham contribuido para a evolução do primeiro. E esta situação identica, salvas as devidas proporções, provocaram da parte do Mestre algumas manifestações de amizade que muito me sensibilisaram e que, com bastante pesar meu, devido á minha vida na provincia, não foram além. Mas, não me esqueci ainda da forma como Antonio Sardinha me recebia quando das minhas rápidas visitas a Lisboa e ele, casualmente, tambem lá se encontrava.

Não esqueceram a ninguem que nelas tomou parte, essas conversas da «Monarquia» ou do «Borges» em que António Sardinha, rodeado dos seus amigos, disqueteava sobre os seus estudos e ouvia com a maior atenção aqueles que alguma coisa tinham a dizer. Não quero agora recordá-las. Pretendo apenas fazer passar perante a Mocidade de hoje essa época em que o Mestre viveu.

Não é fácil aos novos de agora, a não ser pelo estudo detalhado da época, avaliarem bem do que foi o precitorado de António Sardinha, quando a seguir a 914, a Junta Central do Integralismo Lusitano se lançou publicamente na luta das ideias. A mocidade de então recebera como que uma enorme marretada em presença do desmentido que os factos estavam dando ás esperanças postas em determinados principios. A vida nova sonhada, era, na realidade, nuvem que o vento rapidamente desfez. E o espirito de justiça que preside, digam o que disserem, aos movimentos da mocidade, tornava-se em espirito de revolta para a mocidade desse tempo. Ou os principios eram falsos, ou os homens nos tinham enganado. Foi no meio desta tempestade de lutas de defeza e de combate, em que o presente era «quantidade desprezível», que António Sardinha appareceu expondo as doutrinas da contra-revolução. O que isso representou de coragem intelectual e até fisica para o Mestre e para os seus amigos! Mas, a estupefacção em todos os arraiaes foi formidável. O Integralismo Lusitano foi uma autentica bomba rebentando num charco.

Tudo o que até aí se apresentava como definitivamente assente, indicativo da marcha do progresso indefinido que ás elites do nosso país se impusera como um dogma, mercê da sua incuria intelectual adquirida á sombra das conclusões de Antero e de Teófilo interpretadas o mais simplistamente e que se não deram ao incomodo de comprovar, tudo isso ruia, se desmoronava em frente dos argumentos da nova espécie que António Sardinha opunha.

Foi uma bela época, essa da campanha do Integralismo. Não para o País que ia levando a sua cruz como podia e sem saber ainda bem como havia de se resarcir. Mas, a dentro do campo da intelligencia, poucas vezes na nossa terra as lutas serviram mais os interesses comuns do que então. E' que do resultado dessa luta, da vitoria ou derrota dos seus principios, dependiam os destinos de Portugal.

Nem toda a Mocidade acompanhou o Mestre, naturalmente. Mas, mesmo os que ficaram do lado de lá da barricada foram obrigados a revêr as suas ideias, a esclarecê-las e a tomar posições firmes. O mestre não compreendia situações ambíguas. Alguns foram talvez, na opposição, mais longe do que desejavam.

Paralelamente, a luta pela verdade Catolica surgia e impunha-se tambem. E a Nação triunfou, porque a grande maioria da Mocidade seguiu o caminho de Deus e da Pátria.

António Sardinha foi assim o mentor intelectual de uma época de duvidas e de lutas em que os melhores procuravam a sua estrela polar. Mas a sua acção estende-se mais longe. A sua acção é de hoje e de sempre, porque nas suas doutrinas, ao lado da palavra de Cristo, está a mais exata interpretação da Historia de Portugal, dos principios sociaes, económicos, políticos e espirituas que presidiram á sua elaboração através os séculos.

Jaime Bento da Silva

António Sardinha

Na passagem de mais um aniversário da morte de António Sardinha—ocorrida a 10 de Janeiro de 1925—curvemo-nos respeitosamente ante a memória do Mestre incontestado do nacionalismo português e meditemos nalgumas das suas palavras.

«Reconstituamos, pois a sociedade reconstituindo a Família, agrupamento fundamental e primário, na sua intima imposição monogâmica e territorial. Da Família iremos ao Municipio e á Corporação. Do Municipio e da Corporação somados orgánicamente na Provincia, sairá a Pátria, servida nos seus fins superiores pela acção coordenadora do Estado».

«Não basta reconhecer que a célula fundamental da sociedade é a Família e não o individuo. Para que a Família prospere e exerça com prestigio as suas funções salutaras, é preciso assegurar-lhe com a indissolubilidade devida a necessária fixidez».

«O nacionalismo, endurecido pelo tradicionalismo, é, fundamentalmente contra-revolucionário e católico-romano. Contra-revolucionário porque o direito histórico dos povos se restaura das abstrações tiránicas da democracia; católico romano porque pela própria garantia da sua individualidade e prestigio da nação, necessita de reconstruir uma ordem internacional em que todas as pátrias, pequenas ou grandes, se achem naturalmente enlaçadas por uma finalidade comum».

«Filosófica e historicamente o conceito de Tradição equivale a dinamismo e continuidade. Estamos bem longe de nos confinarmos numa idéa saudosista da sociedade que foi ou das gerações que passaram. Pelo contrário, abertos ás solicitações da mocidade deste instante de febre, olhamos o futuro com um alto desejo de o prepararmos melhor e mais belo, do que a actualidade, tão horizontal e espessa, em que vivemos».

«Sendo contra os principios funestos da Revolução Francesa, nós somos necessariamente contra a organização económica da sociedade moderna. O Trabalho e a Propriedade sofreram com a obra da Revolução a influencia duma nova ordem de coisas, donde deriva imediatamente a crise que a todos nos toea e que escurece o horizonte com tão cerradas interrogações».

«A desorganização individualista da Revolução, abolindo os quadros corporativos em que o Trabalho se defendia e dependia dos acasos da concorrência, deixou o produto entregue ao arbitrio da plutocracia, que é, sem dúvida a única e verdadeira criação do espirito revolucionário. Enganam-se os humildes se nas promessas falaciosas do erro democrático supõem encontrar a realização das suas reivindicações justissimas».

Assim escrevia o Percursor quando era perigoso apreçar os verdadeiros e seus principios que hoje orientam e enformam o Estado Novo Corporativo.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

Poema dos Vilões

*Eu cantarei os velhos povoadores,
—gentes de homisio e rude vilanagem,
Que á sombra dos castelos protectores,
foram lavrando todo o chão selvagem!*

*Por seu poder de eternos semeadores,
As vilas se enraizavam na paisagem.
E em vindo a primavera, soffredores,
lá iam p'r'o fossado e p'r'a carnagem!*

*Ninguém lhes sabe o nome ingenuo e tóscio.
Mas quando o pão nos santifica a mesa,
são esses bons avós que estão connosco.*

*Sem eles, tristes, a puxar o arado,
a nossa terra, a terra portuguesa,
ficava para sempre um negro descampado!*

de «Pequena Casa Lusitana»

António Sardinha

António Sardinha

Tanto se tem falado e escrito, nestes últimos tempos, de António Sardinha, Mestre do Nacionalismo Português que tomou a ombros, quando a Nação parecia dormir no momasmo dos principios demo-liberais e maçonicos de 89, a tarefa de despertar as forças espirituais no reaportuguesamento de Portugal estrangeirado, que difícil, senão impossível, se torna dizer coisas novas do preparador e animador das gerações que tornaram possível a Revolução Nacional de que saiu o Portugal Ressuscitado. Todavia, no 19.º aniversário da morte do insigne doutrinador e historiógrafo, não quero deixar de evocar, com saúde e admiração, respeito e reconhecimento, a sua memória: em rápidas e despreziosas linhas, no jornal da minha terra.

Depois de ter andado transviado por caminhos illusórios, António Sardinha encontrou, na dupla verdade católica e nacionalista integral, o seu campo de acção que se tornou um verdadeiro apostolado. Funda o «Integralismo Lusitano», doutrina que conquistou os melhores valores mentais da geração de então—aqueles que não tinham sido tocados pela gangrena política—partidária do tempo—, organização que arregimentou rapidamente um admirável grupo de novos que se proclamavam intransigentemente contrários á desagregação que se registava, mercê de cem anos de liberdade revolucionária, de igualdade demagógica, de fraternidade maçônica; dirige revistas e jornais, onde lança, a mãos largas, a semente do seu talento e inconfundível espirito, semente que há de germinar mais tarde, numa época a que lhe não foi dado assistir, porque não o quiz Deus.

Ingente e incessante foi o labor do Mestre. Estudos criticos sobre figuras da História e da literatura nacionais, reabilitação de outras figuras deturpadas pelas penas sectarias de fazedores de histórias diversas, merecem-lhe a maior imparcialidade; ensaios de política social e filosofia reaccionária a que empresta a sua sólida cultura aliada a uma rara faculdade de clareza de ex-

por e argumentar; campanhas de ideias e de doutrinas em que realça sempre a sua elegância moral e intelectual de caçador de superstições—como um dia lhe chamou Afonso Lopes Vieira—: em tudo o mesmo ideal superior de servir a Grey, reabilitando-a aos olhos dos seus filhos e aos do estrangeiro.

Não é possível, por exiguidade de tempo e espaço, passar em revista, sintética mesmo, os volumes que o Percursor deixou publicados e os que os seus amigos têm compilado e publicado, que já são bastantes. Há que terminar, pois, mas não sem que, todavia, transcreva aquelas palavras lapidares, magnifica exortação com que abre o volume de ensaios e estudos «Ao principio era o verbo».

«Mas há que despertar, como que para uma segunda fundação de Portugal! Tarefa ampla, com espinhosas dificuldades dificultando-nos o caminho? Nada resistirá á constante e árdua dedicação com que, hora a hora, minuto a minuto, se refaçam os trilhos perdidos da gente donde descendemos! Num momento de espantosa e criadora transformação, como é o momento presente nós não duvidamos das forças reconstitutoras que dormem o sono do Senhor, á espera do Terceiro Dia, no sub-consciente de Portugal. O que se nos impõe é restituir á Pátria o sentimento da sua grandeza—não duma grandeza retórica ou enfática, mas naturalmente da grandeza que se desprende da vocação superior que a Portugal pertence dentro do plano providencial de Deus, como nação ungida para a dilatação da Fé e do Império».

Isto foi escrito em 1923! 20 anos depois Portugal encontrase despertado, operou-se como que uma segunda fundação. Mas é necessário que Portugal nunca mais adormeça. Para isso existe a Mocidade Portuguesa a quem dedico este simples artigo e a quem peço que leia, com devoção e espirito de aprender e cumprir, os ensinamentos daquele que, do Além, tem os olhos postos nela.

Ciríaco Trindade

O acontecimento de Vila Viçosa

As patrióticas comemorações do chamado «Ano Aureo» acabam de ter o seu mais retumbante epílogo em Vila Viçosa. Todos sabemos que a inauguração da estátua a D. João IV fazia parte do extenso programa de trabalhos e de cerimónias efectuados no país inteiro, durante o ciclo das solenidades do Duplo Centenário. Somente o monumento ao Restaurador levava seu tempo a construir; e mesmo cerca de três anos após a data em que foi concebido, a sua inauguração representa, tanto por parte de mestre Francisco Franco, como dos seus ilustres colaboradores, um esforço notável de entusiasmo e dinamismo. Não deve também esquecer-se que o malogrado Ministro das Obras Públicas seguia com excepcional carinho o acabamento da estátua, havendo fixado para 8 de Dezembro o festivo dia da cerimónia inaugural. E foi precisamente quando regressava de Vila Viçosa que encontrou, como se sabe, a morte nas circunstâncias mais dramáticas.

Por isso a memória do saudosíssimo estadista fica perpetuamente ligada ao imponente acontecimento: a sua última e admirável realização, como muito bem focou o Dr. Júlio Dantas no discurso oficial:

—Espírito renovador, inteligência em permanente inquietação, génio activo que, na sua curta existência, teve, como a figura iberniana do soberano, um só pensamento, uma só ambição—construir, edificar, erguer a sua torre cada vez mais alto—o grande ministro está connosco neste momento; a sua sombra acompanha-nos; revive na obra deslumbrante que nos legou; e, se eu agora pronunciasse o seu nome, centenas de vezes me responderiam: Presente!

Pagou, portanto, a Revolução Nacional uma dupla dívida de gratidão—ao monarca de antanho e ao malogrado ministro de hoje—sem que do facto possa resultar qualquer pensamento menor amigo para com a heroica Espanha, nossa vizinha e irmã pelo espírito, a qual nos une a consciência de uma missão comum, humanitária e pacífica.

Teatro ANTONIO PINHEIRO

Espectáculos da semana:

O programa de hoje—*Voando para o Rio de Janeiro* com o sublime filme colorido, *A Cucaracha*—correu mundo com inteiro agrado e tão completo que resolveram a sua reposição, certamente em moldes mais modernizados.

O nosso publico já o conhece; contudo, a sua nova passagem deve ainda ter bom acolhimento entre nós, porque o programa é realmente bom.

Boa música, excelentes bailados e aviões cheios de «girls» a dançar sobre as asas em vôo.

Fred Astaire, Ginger Rogers e Dolores del Río, desempenham como sempre, admiravelmente os seus papeis.

Quarta-feira—*O México em Fésela*. Uma excelente comédia maravilhosamente colorida, com admiráveis bailados e canções.

Através deste sumptuoso filme que nos dá um espectáculo deslumbrante de côr e beleza, conhecem-se alguns aspectos do folclore mexicano.

No despenho, Anne Ayars, uma nova revelação, George Negrete e António Moreno.

Em complemento—*O Mistério das Onze Desaparecidas*.

São onze raparigas que a policia procura porque responderam a anuncios em que se oferecia emprego e não se sabe do seu paradeiro.

Há crime. E quem será o criminoso?

Na interpretação reaparece Maurice Chevalier.

Jogos Florais de Tavira

Abertura pelo Dr. Joaquim de Magalhães

Senhores e Senhoras de Tavira, velha cidade altiva que se mira em nobres pergaminhos do passado e quer manter bem vivo, iluminado, o culto do Ideal e da Poesia, eu vos presto gratissima homenagem por ter-vos merecido, neste dia, a honra de um convite afectuoso, e, por demais, gentil e generoso, para vos vir trazer uma mensagem, que vibrante, eloquente eu bem quisera; não passa de modesta, mas sincera, pobre contribuição à festa linda de despedida ao ano que hoje finda.

E' que, ao uso da terra, costumais dizer adeus, sorrindo, ao velho ano, e, em plena alegria, festejais o que chega de novo, todo ufano.

Dêste jeito gracioso, encantador, com música, com poemas, com amor, demonstrais um affecto excepcional pela arte mais velha, mais antiga, e que, afinal, é sempre a mais amiga, a que mais nos embala, a mais leal.

Eu pudera, bem sei, ter-vos traído uma grande conferência impertinente, em que dissesse, em prosa, o já sabido sobre jogos florais e tóda a gente mais ou menos tem lido ou tem ouvido; mas quis-me parecer que não devia vir fazer, numa noite de poesia, uma séria lição que vos maçasse, e preferi trazer-vos, simplesmente, do modo que melhor se conformasse ao tom geral do culto sorridente, um braçado de rimas que mostrasse uma afeição igual à da mais gente.

E por isso, aqui trago, humildemente, sacrificando à Musa da Poesia, pobres flores de um jardim que ela alumia.

Este culto é, na gente portuguesa, um gósto secular que começou pela altura em que a Pátria se formou, e ao sentirem os poetas a Beleza da terra abençoada, em que nasceram, ou esse eterno encanto da mulher, perante a qual de amor ensandeceram, e sempre reinará como quiser.

Dêste duplo motivo é que brotou, e nunca mais parou, a corrente sem fim de enamorados, de artistas e de poetas, a que os fados destinaram a nossa literatura, para a encherem de amor e de ternura.

E esta missão souberam-na cumprir: a poesia começa a florescer em saudade, a chorar ou a sorrir, como razão da vida e do sofrer.

D. Dinis, do amor sempre sujeito já suspirava em versos dêste jeito: «Amor fez a mim amar gran tempo há, uma mulher que meu mal quis sempre e quer e me quis e quer matar»... «Que saudade de mia Senhor ei quando me lembra que bem a ouvi falar»... «se a não vir não me posso guardar de ensandecer ou morrer com pesar»...

Depois do trovador, poeta e rei quantos poetas mais que assim cantaram? e a quantos dominou a dura lei do sofrimento a que se sujeitaram?

A saudade lhes deu tais expressões que, ao lê-las, hoje, ainda se estremecem os nossos corações.

Têm quinhentos anos e entristecem quem as saiba sentir, amar e ler, de olhos postos na alma do seu bem:

«Senhora, parlem tam tristes meus olhos por vós, meu bem, que nunca tam tristes vistes outros nenhuns por ninguém.

Tam tristes, tam saudosos, tam doentes da partida, tam cansados, tam chorosos, da morte mais desejosos cem mil vezes que da vida. Parlem tam tristes os tristes, tam fora d'esperar bem, que nunca tam tristes vistes outros nenhuns por ninguém».

Este saudoso rio da ternura foi aumentando sempre de volume, numa maré sem fim de vivo lume que à medida que sobe mais se apura.

Chega em Camões àquela grande altura dos versos imortais, cujo perfume só respira quem se ergue ao alto cume da branca neve eternamente pura.

Nenhum melhor herança nos legou, nenhum soube cantar como êle cantou, nas românticas rimas que escreveu.

E nenhum foi como êle desgraçado, de um lirismo tão triste e repassado das amargas desditas que viveu.

Cantava assim o vate iluminado:

«Que poderei do mundo já querer, que naquilo em que quis tamanho amor, não vi senão desgosto e desamor, e morte, enfim,—que mais não pode ser!

Pois a Vida me não farta de viver, pois já sei que não mata grande dor, se há i cousa que mágoa dê maior, eu a verei, que tudo posso ver.

A morte a meu pesar, me assegurou de quanto mal me vinha; já perdi o que a perder o medo me ensinou.

Na vida desamor sòmente vi, na morte a grande dôr que me ficou; parece que para isto só nasci!»

O triste português assim chorava, no tempo da conquista do império, e nós vibramos hoje, pois foi sério o sentir dessa mágoa que o minava.

Foram correndo os anos; suportamos a dura escravidão de alheios amos e a poesia perdeu os bons cultores, e abaixou-se a ser jogo de amadores; qualquer pequeno assunto lhes servia para tema de versos e charadas.

Houve um que de suspiros só vivia, outro cantou da amada as mãos queimadas, o coice de um cavalo outro entrelinha; foi um tempo de versos—louvaminha.

Depois da maré viva de Camões chegou-se até a gostar destes anões.

Mas a vida, seguindo ao seu destino, ia dar-nos Bocage e Tolentino.

De novo ressurgiram os poemas que eram vida vivida e não só temas.

Outra vez a saudade os escreveu em louvor da Marília do Dirceu.

E a torrente poética seguiu novos moldes e as fórmulas românticas; nos lábios de um Garrett refluíu, em verso branco ou rimas consonânticas, para em seguida ser, na nossa terra, com João de Deus a nova maré cheia.

E, desde então, não há lutas, nem guerra, a poesia é, no Algarve, a tudo alheia; não lhe importa o delirio monstruoso das chacinas brutais do mundo louco, adora o céu azul, vive no gózo do mar e da paisagem sem igual, com que remata o sul de Portugal; e, como se isto tudo fôsse pouco, mantem, em viva luz, a chama acesa dêste culto do Amor e da Beleza, de que os jogos florais são os congressos, e mais que outros nenhuns os de Tavira, que os poetas atraí e lhes inspira a sede insaciável dos progressos.

Neste Algarve floresce o amor da Arte nos sonetos de um Cândido Guerreiro, artista que entre os mais não tem parceiro.

E vai compondo em Estoi, à sua parte, tal lavrador tratando a sua vinha, o pai feliz da linda «Rosairinha».

Não faltam os humildes cantadores que desfazem em verso as suas dores.

Nesles todos a Arte se insinua e torna-os, cá na terra, homens da lua.

A arte, a grande musa indefinida, que um poeta popular, António Aleixo, definiu como sendo a própria vida, neste ponto final que aqui lhes deixo:

«A arte é força imanente, não se ensina, não se aprende, não se compra, não se vende, nasce e morre com a gente».

Algarve, 31 de Dezembro de 1943

Publicações recebidas

«Informação Vinícola»—Orgão da Junta Nacional dos Vinhos—n.º 1, ano 7.º, de 10 de Janeiro—insere as comunicações sobre assuntos viti-vinícolas apresentadas ao 1.º Congresso de ciencias agrarias; Gremios de Lavoura, por V. Soares; O importante problema das trasfegas; etc..

«A Grã-Bretanha de hoje»—Recebemos os n.ºs 68 a 71, correspondentes aos mezes de Julho a Outubro de 1943, desta revista que interessa muito a todos os que queriam conhecer a vida inglesa em todos os seus aspectos e a forma como vae reagindo á guerra e preparando-se para a inevitavel evolução que a paz hade provocar.

«Gazeta dos Caminhos de Ferro»—N.º 1345, ano 5, de 1 de Janeiro de 1944—sumário:—A armadura económica dos territórios de Manica e Sofala, pelo Coronel de Eng.ª Alexandre Lopes Galvão: Struggle for Life... , pelo Capitão de Eng.ª Jayme Gallo; O caminho de ferro mais setentrional do mundo, por Raúl Esteves dos Santos; Caminhos de Ferro de Lourenço Marques; Para a história das descobertas e conquistas dos portugueses, pelo Coronel de Eng.ª Carlos Roma Machado; A rarefação do transporte, pelo Eng.º Manitto Tôrres; A Inglaterra e os seus antigos costumes tradicionais, por Alexandre Settas; O Caminho de Ferro dos Alpes, «bernoises»; A Guerra e os Caminhos de Ferro; Linhas Estrangeiras; Publicações recebidas; Há 50 anos, por Raúl Mesnier de Ponsard; Imprensa; Grupo Tauromáquico «Sector 1»; Arcádia; O aniversário da fundação do Grupo «Os Carlos», que conta actualmente 3.500 sócios; Repositório de assuntos referentes a Teatro e a Cinema, por Miguel Coelho; Guerra Maio; Cartões de Boas Festas; Tenente-coronel Miguel Bacelar; Caminhos de Ferro Coloniais; Parte Oficial.

União Nacional

Sua Ex.ª o Sr. General Carmona aceitou o convite para Presidente de Honra do 2.º Congresso da União Nacional a realizar em Maio.

Este convite foi-lhe feito em nome da União Nacional pelos Srs. Dr. Albino dos Reis, Engenheiro Sebastião Ramirez e Dr. Madeira Pinto, respectivamente, Presidente e Vogaes da Comissão Executiva da União Nacional.

Novo Estabelecimento de Moveis

Conforme noticiámos no nosso último número, inaugurou-se no passado dia 12 do corrente, na Rua da Liberdade, um novo Estabelecimento de Moveis de que é seu proprietário o nosso prezado conterraneo sr. José de Oliveira.

Fazemos votos pela prosperidades do novo estabelecimento.

Tabela de Marés

Recebemos da Junta Autonoma dos Portos de Sotavento do Algarve, dois exemplares da Tabela das Marés dos portos a seu cargo.

E' já uma tradição naquela junta e que merece os melhores elogios.

Agradecemos os exemplares que nos foram enviados. A Tabela das Marés encontra-se à venda em Tavira, a 2.º00, na Papelaria Santos.

Sempre que V. Ex.ª precise de impressos ou carimbos, consulte a

Tipografia Socorro
Vila Real de Santo António

TAVIRENSES: se quizerdes manter o jornal da vossa terra, assina-o

Campeonato Nacional de Futebol — I Divisão

Comentários aos jogos em Olhão

Já vimos jogar, esta época, o Belenenses, em Lisboa e a Académica, Sporting e Porto em Olhão. Aguardamos oportunidade para apreciarmos actuação do Benfica. Pelo que verificamos não andaremos longe da verdade se classificarmos o Belenenses e Olhanense como o par dos melhores ataques nacionais.

A equipa algarvia, embora se trate dum grupo da provincia, é já uma esperançosa realidade no futebol português. A sua linha avançada, em rapidez, pode considerar-se um tratado e um autentico problema para qualquer defesa.

Se é certo que a classe do futebol português, até certo ponto, tem baixado de nível tecnico, a equipa algarvia tem-se valorizado, satisfatoriamente, de época para época.

O jogo com a Académica de Coimbra só teve de impressionante a desesperada defesa dos estudantes contra a agressividade dos atacantes olhanenses. Os académicos, apesar de destrambelhados, quanto a organização defensiva, excepção para Acácio que esteve arrojado e seguro até á marcação do segundo ponto, dos locais, conseguiram ainda estar empatados durante bom periodo de tempo. Mas logo que a sorte os desamparou, assistiu-se a uma rajada de 4 «goals», quasi no final do encontro e, fixado o resultado em 5-1, nada mais houve digno de apontamento para duas equipas desniveladas quanto a conjunto de valores.

Nem mesmo a famosa linha avançada dos conibricenses deu mostras do seu antigo poder ofensivo, por se encontrar desarticulada de antigos titulares que a faziam brilhar.

O Olhanense com campeonato regional mais difficil, entrou para os «nacionais» mais jogado que a Académica, que, pelos resultados conseguidos no campeonato de Coimbra, deve encontrar adversarios de mais fragil categoria, pelo que tem de sossobrar com mais facilidade, pela falta de contacto com grupos de valor ou pelo menos agueridos como o são os grupos algarvios.

O Sporting arrecadou 2 pontos imerecidos e difficilmente obtidos. O resultado de 2-1 a favor dos lisboetas nada depõe de favoravel, no balanço final, a favor do vencedor, senão na parte defensiva.

O Olhanense dominando o adversário durante o 2.º tempo, não conseguiu bater a excelente formação defensiva dos «Leões», com um Azevedo enorme em classe e segurança e um Manuel Marques extraordinario no seu lugar.

Os avançados algarvios não tiveram a sorte a bafejá-los em lances de «goal» quasi concluidos, outros salvos pela trave ou inutilizados pelo remate deficiente na zona da grande area e, embora rapidos no ataque, não tiveram talento para conduzir o jogo razo, unica probabilidade para desmantelar tão intransponivel defesa.

O Sporting foi um feliz vencedor com dois oportunos pontapés ás rédes, ambos algo semelhantes na urdidura e finalidade. O primeiro apontado pelo Peiroto, no 1.º tempo, e, de mais difficil defesa, por ser chutado mais proximo da baliza e o segundo marcado por A. Marques, mas obtido por má colocação de Abraão, surpreendido em deslocação do angulo devido, por um chute forte e colocado, mas lançado aquem da linha da grande area.

Merece referencia especial, pelo que jogou e fez jogar, João dos Santos, que esteve acertadissimo e deve ter feito uma das suas melhores exhibições. Impressionou o seu entusiasmo e laborioso auxilio ofensivo na linha

intermediaria, parecendo ter rejuvenescido.

Cabrita pecou por não dar treguas a Manuel Marques, opondo-lhe obstrução continua e acérrima, até para libertação dos interiores que, já estreitamente marcados eram batidos muitas vezes, em antecipação, pelo nosso melhor defesa português.

O sr. Henrique Rosa apitou discretamente e o seu trabalho, um pouco longe das brilhantes arbitragens, que já lhe temos apreciado, não ficou isento de 2 mãos claramente assinaladas pelo publico como intencionais e uma delas pelo juiz de linha. O seu tema ou significativo receio pelas grandes penalidades, desde um celebre Porto-Bemfica, devem ter prejudicado o Olhanense.

Os campeões de Setubal foram batidos por uma feliz tarde de inspiração dos campeões do algarve, cujo ataque brilhou pelo engodo posto na baliza e por jogo directo sobre as redes adversarias, sem o desnecessário e, por vezes, abusivo desdobramento de passes nas proximidades da grande area.

O 8.º é significativo e quasi dispensa qualquer comentário.

O Victória, sem alguns dos seus habituais titulares, não desagrudou, e, quando perder a «inocencia» de estrear desta competição, pode vir a marcar personalidades.

O club do Sado tinha encontro particular aprasado com o Louletano para o dia seguinte, em Loulé, mas a sua desmoralização foi tão grande que teve de pedir á anulação do jogo, com receio de segundo desaire no Algarve.

O Futebol Club do Porto deve ter sido até agora a equipa visitante que mais agradou. Na segunda parte, com a estreita marcação a cada unidade atacante do Olhanense, conseguiu igualar o domínio superior do adversário na 1.ª parte.

Pinga é ainda no meio de tão jovem equipa um valor, pelo saber e mestria com que regula a linha de ataque, toda mocidade mas já muito prometedora e capaz de na época presente desfeitear, em sua casa qualquer das nossas melhores equipas.

Barrigana, ainda que muito agarrado a area da baliza, agradeceu pela sua excelente colocação e visão prestada ao jogo.

Araujo e Lourenço, conseguiram destacar se.

O interior tem vivacidade e habilidade e o avançado centro, com bom fisico, não deu descanso a Ginjão, que se viu por vezes em apuros.

Varias Noticias

O Farense que efectuou com o Futebol Club do Porto, um desafio treino na quarta-feira em Faro, foi batido por 5-4 depois de estar a ganhar por 4-0 já no 2.º tempo.

Consta haver negociações para um Algarve-Sevilha, aproveitando a deslocação da selecção andalusa a Lisboa.

Depois de visado pela Federação recebemos e agradecemos o cartão de livre transito nos campos de jogos, que nos foi gentilmente enviado pela Associação de Futebol de Faro.

Loulé, 12/1/944.

Ferreira Torres

Compra-se

Maquina de escrever em segunda mão e uma prensa para copiador em bom estado. Nesta Redacção se diz.

UMA CARTA

Santa Catarina, 10 1 944

Sr. Director:

Vejo uma noticia no n.º 496, do v/ conceituado jornal com lamentações injustas.

E assim, por ser abrangido, obrigo-me a esclarecer:

1.º—Ninguem pretendeu que a festa deixasse de ter o brilho desejado;

2.º—Ninguem me ameaçou que me desempregava, nem em surdina, nem em altos gritos, se continuasse a tocar na festa;

3.º—Na noite da recita, havia uma reunião na Casa do Povo, a que eu tinha de assistir, e apenas me fizeram lembrar serem horas da minha comparência, a que gostosamente acedi;

4.º—Se alguém foi importunado, durante os ensaios, fui eu, pois que por vezes estando em serviço d'outrem, mandavam-me chamar para ir auxiliar a festa. Afigura-se-me melhor de não se tornar a voltar ao assunto.

Agradecendo a publicação destas linhas, subscrevo-me de v. etc.

José Florentino da Graça

N. R.—Desta carta foram retiradas referencias a pessoas que são estranhas ao quadro dos correspondentes deste jornal, visto que a correspondência em questão é assinada pelo nosso correspondente habitual. E com esta carta encerramos os esclarecimentos a propósito daquela correspondência.

A Madeirense

TINTURARIA e CHAPELARIA

73, R. Almirante Reis, 75 — OLHÃO

Sucursal em TAVIRA

Rua Almirante Candido dos Reis, 31 (Próximo do Jardim da Lagoa)

É esta a Tinturaria que V. Ex.ª devem de preferir, para mandar tingir os vossos Fatos, pois que nem só emprega as melhores anilinas, como a garantia de que o cliente molha o seu vestuário e não larga tinta, (como sucede com outras casas, que se intitulam tintureiros).

Tingem-se e transformam-se CHAPEUS antigos para modernos, e vende-se CHAPEUS DE FELTRO da Fábrica Pinto Costa, de S. João da Madeira.

Para vosso interesse mande á
MADEIRENSE
de José F. Camacho Junior

IMPRESSOS PARA O COMERCIO

Livros de;

Notas de Crédito,
Facturas, Recibos,
Encomendas, Remessas, Rendas de Casa, Telegramas, etc

Encontra sempre V. Ex.ª por preços ao alcance de todos na

Papelaria "CASA BRASIL"

Manuel Alexandre — TAVIRA

CARLOS PICOITO

ADVOGADO

Largo do Pé da Cruz, 4

FARO

Consultas em Tavira às quintas feiras, no escritorio do solicitador Carmo Peres.

Quereis fazer bons negócios?

Anúnciá no semanário regionalista

"Povo Algarvio"

Comissão Reguladora do Comércio de Tavira

Aviso ao Comércio Retalhista

Esta Comissão previne o Comércio Retalhista dêste conselho de que:

1.º—As senhas de racionamento do actual ano de 1944 não contém indicação de quantidade;

2.º—Estas serão indicadas todos os meses por esta Comissão para todos os artigos racionados; e assim

3.º—não poderão os Srs. Retalhistas vender qualquer artigo racionado sem que a Comissão tenha anunciado previamente qual o valor das senhas.

4.º—Nos 10 primeiros dias de cada mês deverão os Srs. Retalhistas apresentar na Comissão, para conferência, as senhas dos artigos vendidos no mês anterior, acompanhadas duma nota em que conste para cada artigo a sua existência no último dia do mês.

5.º—Os Srs. Retalhistas deverão desde já e no prazo de dez dias apresentar na Comissão as senhas de 1943 e o balanço dos vários artigos relativo a 31 de Dezembro do mesmo ano.

O não cumprimento destas instruções implica procedimento legal.

Tavira, 6 de Janeiro de 1944

O Presidente da Comissão Reguladora,

Ramos Passos

Comissão Reguladora do Comércio de Tavira

AVISO

Previne-se o público das freguesias de São Tiago e Santa Maria que a distribuição de cadernetas de racionamento para 1944, começou no dia 10 do corrente, pela seguinte ordem:

CIDADE

Freguesia de São Tiago . Dias 10 e 11;

Freguesia de Santa Maria . Dias 12, 13, 14, 15, 17, 18;

Povoação de Santa Lusia

Dias . 19 e 20;

Freguesia de São Tiago—(CAMPO) Dias . 21 e 22;

Freguesia de Santa Maria—(CAMPO) Dias . 24 e 25;

As cadernetas serão entregues aos próprios chefes de familia que se farão acompanhar da caderneta antiga e dos cartões de pão ou de farinha, se os tiverem, o seu custo é de 5000.

Tavira, 7 de Janeiro de 1944.

O Presidente da Comissão Reguladora,

Ramos Passos

Qual é a conversa das boas donas de casa

E' o Neves para ali

E' o Neves para lá

E' o Neves para aqui

E' o Neves para cá

Sempre e sempre o Neves!

Pois é sempre quem apresenta o melher sortido de FAZENDAS por preços mais acessiveis.

O maior e mais variado sortido de:

Casemiras, Sobretudos, Gabardines, Cheviotes, Sorrubecos, Tricots, etc., etc., por preços tabelados pelo Governo e também sem ser tabelados.

Riscados. Cotins, Panos, etc.

Compre sempre no **NEVES**

Praça da Republica, 28, 29

Ponto Estratégico - junto á Ponte — TAVIRA

Oliveira & Carvalho, L.^{da}

RUA DA LIBERDADE
TAVIRA

Moderno estabelecimento de Móveis

Lindas mobílias de Quarto, Casa de Jantar e Sala de Visitas, em madeiras especiais

MARGENARIA :: ESTOFOS :: DECORAÇÕES

Venda de Móveis isolados

Excelentes TAPETES e lindas CARPETES

Roga-se o favor duma visita a este novo Estabelecimento.

Espingardaria "ALGARVE"

TAVIRA

A maior casa importadora de Armas de Caça

Especialidade em Espingardas de Luxo

Sensível diferença de preços em qualquer modelo

José Viegas Mansinho

A máquina de costura mais resistente, mais leve e mais elegante!

Representantes em Tavira:

Mansinho & Faleiro



Trespasa-se ou Vende-se

Tôda a existência da Casa de Bicycletas de Carlos do Nascimento Rocha.

Tratar com o seu proprietário, Rua Nova da Avenida—Tavira.

Dinheiro

Empresta-se qualquer quantidade.

Nesta Redacção se informa.

Anunciar no "Povo Algarvio"

CASA

Vende-se uma na rua Dr. Parreira com os numeros de policia 78 e 81.—Recebe propostas Alfredo Peres.

LAVRADORES!

Valorizai as vossas terras plantando árvores de frutos dos mais acreditados e melhores viveiros da QUINTA DA TAPADA DE CEIRA — COIMBRA, cujos proprietários, Luiz Simões Leal & C.^a, fornecem com prontidão e seriedade, das melhores qualidades por intermédio do seu representante em Tavira JOSÉ DAMIÃO NETO.

Os deliciosos frutos de maior cotação no mercado são os produzidos pelas árvores da Quinta da Tapada de Ceira.

Dirigi os vossos pedidos ao representante

José Damião Neto

na Rua D. Paio Peres Correia, n.º 8 - TAVIRA

e realizareis um bom negócio.

Todos os pedidos são atendidos com a maior prontidão.

AMENDOEIRAS

Vendem-se também aos melhores preços — árvores fortes e bem encaminhadas, nascidas em viveiros da nossa região.

Cunha & Dias, L.^{da}

8 - RUA DA LIBERDADE - 10
TAVIRA

Agencia da Tabaqueira
e da Fosforeira Portuguesa
Venda de tabaco e fosforos
aos melhores preços

Condições especiais
para revendedores

J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábrica de farinhas espoadas

A maior e mais completa do Algarve. Fabrico esmerado como o atestam as suas esplendidas farinhas e as suas sementes sem rival.

Fábrica de farinhas em rama

Uma das maiores do País e com moderna aparelhagem, produzindo as suas tão acreditadas farinhas em rama.

PADARIA

A maior da Província com amassadeiras mecánicas, Escrupulosa fabricação.

Os produtos das fábricas

J. A. Pacheco

teem a garantia duma fabricação cuidadosa em maquinaria moderna e aperfeiçoada.

BEXIGA & BEXIGA

(IRMÃOS)

MARZENARIA — ESTOFOS — DECORAÇÕES

As maiores oficinas de marcenaria do sul do paiz

A CASA QUE MELHOR FABRICA

Fabricamos mobílias em todos os géneros—antigas e modernas—desenhadas e construidas nas nossas oficinas, pelo que são vendidas com 20 a 30 % mais baratas que em qualquer casa congénere.

Continuamos fabricando mobílias em mogno, apesar-das dificuldades de aquisição desta madeira, devido ao grande stock que temos em armazem.

Carpets e Tapetes "Zagal", "Beiriz" e "Arraiolos"

LOUÇAS E VIDROS

Orçamentos grátis e desenhos exclusivos

Dezenas de Mobílias em Armazem

Officinas: Largo de S. Pedro, 10 a 14

Depósitos: R. Ferreira Neto, 18 a 14.

Salão de Exposições: Rua da Marinha, 35 e 37 e Rua Ivens, 9 e 11

TELEF. 92

FARO

Vende-se Venda de bens

Uma casa de habitação no sitio da Porta Nova, com seis compartimentos e um corredor, forrada de novo, junto tem mais três casas com cosinha e um pangaio, tem um quintal bastante grande com alpendre onde cabem vinte ou trinta cavalgaduras, tem mais outro quintal anexo com duas cavalariças uma delas com um armazem com palheiro pegado que leva mais de

Por motivo de retirada vende todos os bens relativos á herança de seu pai, que constam de parte urbana e rústica.

Tratar com Carlos do Nascimento Rocha, Casa de Bicycletas—Tavira.

mil e quinhentas arróbas de palha. Quem pretender dirija-se a Francisco Mendes Molina, rua da Porta Nova n.º 2, que vende bastante barato.

Aparelhos de Rádio

Das melhores marcas
Para corrente e baterias

Vende a pronto e prestações

Encarrega-se de coinsertos em tôda a espécie de receptores de T. S. F.

Francisco Padinha Raimundo

Rua do Póço do Bispo, N.º 10—TAVIRA